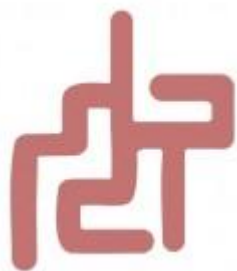


Mesa Redonda: **Dimensões do trabalho forçado**



Um tema central na historiografia africanista – a instituição do trabalho forçado dos africanos no século XX – é abordado de modos diversos pelos pesquisadores reunidos nessa mesa-redonda. Os contratos de trabalho de migrantes em Moçambique são analisados por duas das apresentações, que exploram as formas de coerção, as relações raciais e a formação de subjetividades. A terceira exposição examina casos de fuga e resistência ao trabalho compulsório no Médio Congo.

Coordenação: *Isabel Casimiro, Universidade Eduardo Mondlane*

Zachary Kagan Guthrie, U of Mississippi - Laços que amarram: trabalho forçado e mobilidade compulsória em Moçambique colonial

Nas colônias portuguesas da África, a palavra *contrato* era usada para se referir a uma variante particular de trabalho forçado. No entanto, esse tipo de trabalho chamado *contrato* nem sempre foi forçado nos termos em que o trabalho forçado é tradicionalmente definido: algumas pessoas se ofereciam para o *contrato*, e os *contratados* executavam com frequência o mesmo trabalho, pelos mesmos salários que os seus homólogos “livres”. Esta apresentação explora como essas ambigüidades, experimentadas no centro de Moçambique, durante os anos 1940 e 1950. Em particular, destaca o papel, pouco estudado, da migração forçada e suas imbricações com o trabalho forçado. Muitas formas de trabalho que envolviam migração permitiam às pessoas se mudar para, a partir de, e entre os trabalhos conforme suas circunstâncias de vida. Em contraste, no mesmo período, o *contrato* era marcado pelo controle colonial sobre como, quando e onde as pessoas iam e vinham para e do trabalho. Ao explorar a importância da mobilidade na definição de trabalho forçado, esta apresentação reinterpreta essa forma de exploração do trabalho como um amplo conjunto de práticas coercitivas, ao invés de uma categoria singular marcada pela força bruta. De forma mais ampla, examinando formas menos visíveis de coerção ao trabalho, essa apresentação apresenta uma abordagem analítica, através da qual se pode identificar o trabalho forçado nessas regiões da África colonial, onde era formalmente ilegal e oficialmente inexistente. Por fim, salientando a necessidade de estudar uma ampla gama de mecanismos coercitivos, essa apresentação sugere a importância de estabelecer uma ligação que supere a separação artificial entre a robusta historiografia sobre o trabalho forçado nas colônias portuguesas e a comparativa ausência de estudos sobre o trabalho forçado em outras regiões da África colonial.

Héctor Guerra Hernández, UFPR - Migração e xibalo e relações raciais na formação do imaginário social no sul de Moçambique 1920 – 1964

Desde sua independência Moçambique experimentou transformações econômicas, políticas e sociais profundas. Estas transformações estiveram marcadas pela introdução de diferentes modelos de produção e desenvolvimento forçadamente modernizantes que apontavam transformar um mundo rotulado de tradicional e tribalista em um de corte socialista. A partir destes antecedentes e localizando nossa reflexão no sul do país, tentaremos

questionar a partir da interação de três aspectos que consideramos significativos, a saber: o *xibalo*, a circulação migratória para as minas da África do Sul e, finalmente, a relação da mão de obra nativa com os sindicatos de trabalhadores brancos, a relação entre modernização econômica e modernidade política, durante o período que vai de 1920 até o início da guerra colonial. Combinando o conceito de mobilidade forçada de Jean Paul Guademar (1977) e a crítica estadocentrista elaborada por Veena Das e Debora Poole (2008) pretende-se refletir o caráter explicitamente compulsório do uso da força de trabalho e confrontá-lo às diversificadas respostas dos habitantes da região, sujeitos a estes processos de afetação trabalhista, e em especial entender como estes processos vão gerar subjetividades diversas as quais parecem permear uma série de práticas no período pós-colonial.

Alexander Keese, Humboldt University - O Médio-Congo francês como exemplo da análise do trabalho forçado e dos seus efeitos: da loucura da borracha à disciplina socialista, 1918–1979

Esta comunicação pretende dar a avaliação dum caso de trabalho forçado numa perspectiva de longa duração, dos anos diretamente após a Primeira Guerra Mundial ao período de radicalização dum regimen pós-colonial interpretado como “socialista” na sua própria época. O caso do Médio-Congo é tão extraordinário porque neste território (como talvez ainda em Angola, que seria nesse respeito o caso por excelência por uma comparação analítica) encontramos toda a variedade existente das práticas e rotinas de trabalho compelido que eram utilizados pelos estados coloniais. Desta maneira, é possível de estudarmos sistematicamente as atividades de fuga e de resistência que estavam abertas às populações vítimas dessas práticas. O período analisado começa com o fim da administração concessionária (que era uma forma diferente, ‘privatizada’, de organização do trabalho compelido, apesar das continuidades), e passa pela exploração ainda brutal dos anos de 1920 e 1930, pelas massivas atrocidades durante a Segunda Guerra Mundial, pois pela abolição oficial do trabalho forçado contradita pelas várias continuidades clandestinas, e termina com a introdução de várias formas de trabalho “voluntário” na construção e de manutenção durante os anos de 1960. Uma discussão das fontes disponíveis é parte deste novo grande panorama dum caso particular.